

**PALAVRAS DE ALICIA BÁRCENA, SECRETÁRIA-EXECUTIVA DA CEPAL POR
OCASIÃO DA CONFERÊNCIA DE CELSO AMORIM, MINISTRO DE RELAÇÃO
EXTERIORES DO BRASIL**

Trigésimo terceiro período de sessões da CEPAL

Prezados delegados

Para a CEPAL é uma honra receber Celso Amorim, Ministro de Relações Exteriores de Brasil, no âmbito de nosso trigésimo terceiro período de sessões.

Em primeiro lugar, desejo reiterar nossa gratidão a seu governo e em especial a seu Ministério pelo incondicional e generoso apoio que tem brindado à nossa Secretaria na organização desta sessão.

Coincidirá comigo, estimado Ministro em que dificilmente se poderia escrever uma história econômica da América Latina sem mencionar a CEPAL e seus incansáveis e permanentes esforços para construir um pensamento próprio. Como dizia Prebisch “não há que confundir o conhecimento reflexivo do alheio com um acoplamento mental às ideias alheias”. Neste caminho, ao longo de um pouco mais de 60 anos, construímos um pensamento genuinamente regional, porém um pensamento vivo e crítico que tem sabido questionar-se e renovar-se. No entanto, a história da CEPAL tampouco poderia ser escrita sem reconhecer o valioso aporte feito pelos intelectuais brasileiros em diferentes épocas.

Os cenários foram Rio de Janeiro em 1953 e 1988, e Brasília em 2002 e hoje; Raúl Prebisch, Gert Rosenthal, José Antonio Ocampo e eu fomos os Secretários-Executivos que em terras brasileiras oferecemos propostas para a América Latina e o Caribe. Hoje apresentamos “La Hora de la igualdad, brechas por cerrar, caminos por abrir”

Contudo, as histórias não são feitas só pelas instituições, também são feitas por homens, aqueles capazes de entender seu tempo, compreender a responsabilidade que têm sobre seus ombros e tomar decisões às vezes difíceis, aqueles que em um mar de informação, estímulos, apertos e ansiedades são capazes de fixar um rumo e pôr seus navios em águas navegáveis. O senhor, Ministro, responsável pelas relações exteriores de Brasil, é um desses homens.

Já em 1993-1994 ocupou o cargo de Ministro de Relações Exteriores. Entre 1999 e 2001 foi Representante Permanente do Brasil ante as Nações Unidas e demais organismos internacionais com sede em Genebra, e entre 1995 e 1999, Representante Permanente do Brasil ante as Nações Unidas em Nova York. No ano 2000 presidiu a Conferência de Desarme e em 2001 foi Presidente do Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Ocupou cargos na OEA e em Haia e foi Embaixador no Reino Unido e outros países.

Na verdade, são muitos os cargos e muitas as responsabilidades que Celso Amorim desempenhou no serviço exterior do Brasil, e seria inútil assinalar todas. É um homem do mundo, um cidadão global, um diplomático exemplar. Basta observar que no passado ano de 2009, Celso Amorim foi destacado pela revista estadunidense *Foreign Policy* como "o melhor Ministro de Assuntos Exteriores do mundo". Mas este cidadão global, o melhor Ministro de Relações Exteriores do mundo, tem seu coração no Brasil, na América do Sul, na América Latina e no Caribe, nos povos emergentes que lutam por encontrar um caminho digno e eficaz ao desenvolvimento e ao bem-estar.

Senhor Ministro

Até um par de décadas atrás, o multilateralismo era a dimensão das relações internacionais onde os países pequenos encontravam abrigo frente aos interesses das grandes potências. Então era indispensável contar com uma rede de acordos internacionais sobre direitos e deveres para alcançar certezas jurídicas e políticas onde afirmar a vida internacional de nossos países. Seu objetivo não era outro senão a paulatina construção de uma ordem internacional mais justa e mais equilibrada.

Em prol desse objetivo, as Nações Unidas desdobraram grandes esforços e, sob seu resguardo, os representantes dos países chegaram a acordos em direitos e deveres com vocação de vigência nacional e internacional.

Porém hoje o multilateralismo adquire uma nova dimensão. A propósito das transformações que a globalização tem operado em nossa contemporaneidade, os destinos da humanidade se encontram totalmente entrelaçados. Todas nossas sociedades abriram suas janelas de par em par e já não é possível voltar a fechá-las; por elas entram ares frios e cálidos, boas e más notícias, oportunidades e fracassos. Como diz Zygmunt Bauman, “uma sociedade aberta é uma sociedade exposta aos golpes do destino”.

Os países já não estão em condições de resolver unilateralmente seus problemas, nem sequer muitos dos que ocorrem no âmbito local. Necessitamo-nos uns a outros, seja para manter o valor de nossas moedas, para enfrentar crime organizado, para regulamentar a migração, para satisfazer nossas necessidades em matéria de energia, ou para cuidar o meio ambiente. Na realidade a necessidade mútua surge inevitável e diariamente.

Hoje em dia o multilateralismo é método e princípio, procedimento e fim para resguardar as conquistas e avanços civilizatórios e para enfrentar os desafios do futuro. Sentimos que o Brasil é um ator insubstituível deste novo multilateralismo e valorizamos seu compromisso com esta causa.

Estimado Celso,

Agradecemos-lhe infinitamente sua presença e nos sentimos muito honrados de que, em sua atarefada agenda, tenha deixado um espaço para acompanhar-nos nesta tarde.